

ÉTICA E ESTÉTICA, PROBLEMAS DE FRONTEIRAS: O DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

Ethics and Aesthetics, boundary problems: dialogue between philosophy and literature

Luizir de Oliveira
UFPI

Resumo: a proposta deste texto é oferecer alguns aportes acerca da investigação dos problemas ético-estéticos por meio de uma análise teórico-conceitual que privilegia as interseções entre a Filosofia e a Literatura. O objetivo central é o de trabalhar a partir de autores filiados ao movimento romântico-idealista alemão destacando, em suas produções, a presença, direta ou inspirada, dos filósofos antigos, especialmente aqueles filiados à corrente estoica. Isto nos permite ampliar a discussão acerca das valorações morais por meio do resgate do conceito de “representação” a fim de propô-lo como um operador conceitual chave para as respostas acerca dos problemas éticos e estéticos contemporâneos. Para tanto, acredito ser possível uma investigação que aborde sempre uma dupla leitura, tematicamente bem recortada, mas que partirá de um referencial teórico-conceitual filosófico e uma obra literária afim (o diálogo entre Schopenhauer e Thomas Mann ou Augusto dos Anjos; Nietzsche e Dostoiévski; Kierkegaard e Ibsen, por exemplo), no intuito de mostrar como um estudo cuidadoso dessas “fronteiras” entre o discurso filosófico e o literário pode oferecer um mapeamento dos problemas relacionados ao debate Ética-Estética. O ponto de apoio fundamental desta proposta é o resgate da concepção “unicista” greco-romana entre as questões estéticas e as filosófico-morais com vistas à pergunta acerca de como seres humanos deveriam viver, o que nos leva a demonstrar como a compatibilização entre os campos de investigação ético e estético oferecem uma visão de mundo mais esclarecedora e ampliada da realidade.

Palavras-chave: Estoicismo; Idealismo Alemão; Romantismo; Filosofia e Literatura; Representação; Filosofia Trágica.

Abstract: this paper aims at pointing out some issues concerning the dialogical approach between ethics and esthetics by means of a reflection on the theoretical-critical problems purported by Philosophy and Literature. The main objective is to introduce a proposal of analysis that is centered on the authors of the German Romanticism-Idealism emphasizing the intercourse between their philosophy and the Ancients’ presence in them, moreover the Stoicism. Bearing that in mind, the purpose is to widen the scope of our moral evaluations using as a guideline the conception of “representation”. That allows us to investigate our main contemporary ethical-esthetical issues bringing together a theoretical-philosophical conception and an alike literary work (the dialogue between Schopenhauer and Thomas Mann or Augusto dos Anjos; Nietzsche and Dostoevsky; Kierkegaard and Ibsen, for instance). Our goal is to demonstrate that carefully analyzing those “frontiers”, the ones that demarcate literature and philosophy, is a fruitful mapping of the Ethics-Esthetics debate. In the end, we tend to opt for a

“unifying” assumption of the Greco-Roman point of view on the way human beings should lead their lives in order to fashion themselves according to a good character model based on a moral-esthetical grounding. That could open up a wider perspective of our reading of our own reality.

Key words: Stoicism; German Idealism-Romanticism; Philosophy and Literature; Tragic Philosophy; Representation.

Quem, se eu gritasse, entre as
legiões dos anjos me ouviria? E
mesmo que um deles me tomasse
inesperadamente em seu coração,
aniquilar-me-ia sua existência
[*Dasein*] demasiado forte . Pois
que é o Belo senão o grau do
Terrível que ainda suportamos e
que admiramos porque,
impassível, desdenha destruir-
nos? Todo anjo é terrível.

1. Apresentação do problema

O objeto da minha investigação centra-se no diálogo possível de ser estabelecido entre o sistema de pensamento estoico e sua recuperação por parte de autores do período romântico-idealista alemão a partir de uma ótica ético-estética, que já pode ser encontrada desde o nascimento da filosofia da Stoa – Crisipo, seu grande escoliarca, constantemente voltava-se para a poesia a fim de melhor explicar suas teses aos seus discípulos/ouvintes. Assim, a par da importância da racionalidade para que se possa alcançar uma vida minimamente “bem sucedida” ou virtuosa, a faculdade da imaginação acaba alcançando um *status* de importância que parecia ter sido negligenciado tanto por Platão quanto por Aristóteles, e que ficará sob suspeita até mesmo no sistema kantiano, posição esta que será abertamente assumida pelos autores românticos alemães.

Parto de uma generalização intuitiva e pouco educada academicamente: nós, seres humanos, somos animais complicados, sempre em voltas com o caráter imaginário, elusivo, de nossas representações do mundo, do outro e de nós mesmos. Isto nos deixa, em certa medida, fragilizados por aquilo que elas nos oferecem, e que vai para além dos sentidos físicos. Aprendemos desde pequenos a utilizar nossa

imaginação tanto para “escapar” da vida, das vicissitudes cotidianas, das frustrações a que somos submetidos, das inúmeras vezes em que nossa vontade se vê contrariada, nossas expectativas delimitadas, nossos desejos negados. Mas também quando buscamos uma orientação, uma direção, um caminho a seguir. E por meio da faculdade imaginativa tornamo-nos capazes de criar, de inventar – no seu sentido etimológico mais estrito, *invenire*, encontrar, achar, por acaso ou não, – esses modos complementares de vida que muito mais do que meramente encobrir nossa realidade por meio de uma outra, paralela e mais palatável do que aquela com a qual temos de conviver, surgem como momentos mágicos de uma vivência conjunta, compartilhada, que nos mostra nossa humanidade comum, que nos coloca num mesmo patamar existencial.

Um modo como estas “fugas” consubstanciam-se se encontra na produção das “belas obras”, inspiradas na/pela beleza que nos circunda, motivadas por uma necessidade de reproduzi-la, de captá-la, de eternizá-la em alguma medida. Se somos capazes de construir coisas que facilitam nossa vida cotidiana, tornando-a mais confortável, também produzimos outras tantas cuja “utilidade”, “finalidade” ou “interesse” não estão dados de antemão, não servem a um propósito específico, mas tão somente visam a apaziguar nosso espírito, a trazer o belo para mais perto.

Como bem nos ensina Kant, na *Crítica da faculdade julgar*¹, todas as vezes em que temos a “experiência” do belo, alcançamos um estágio de vivificação de nosso sentimento conjunto/comunitário (*gemeinschaftliches*) de vida. Saímos de uma exposição de artes plásticas, de um teatro, de uma sala de concerto, ou da leitura de um romance ou de um poema, em meio a uma elevação desse sentimento. Esta sensação de gratificação existencial também é reforçada por Hans-Georg Gadamer: “o encontro com uma obra de arte é sempre, eu diria, como um diálogo frutífero, um perguntar e responder ou um ser indagado e precisar responder – um verdadeiro diálogo junto ao qual algo veio à tona e ‘permanece’”². Deste modo, mesmo que

¹ *CFJ*, § 22.

² *Filosofia e Literatura. In: A hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 101.

certos exercícios de imaginação possam parecer infrutíferos e estranhos, ainda assim são necessários para a formação e a manutenção de comprometimentos intersubjetivamente substantivos. Nossas experiências de mundo não se circunscrevem meramente aos aspectos materiais e objetivos de reprodução da nossa sobrevivência como seres biologicamente marcados por necessidades primárias (alimentação, proteção, reprodução), mas vão além, posto também possibilitarem vivências que nos colocam num degrau diferenciado na ordem das coisas. A capacidade de contemplar o belo, fruí-lo desinteressadamente, constitui uma das marcas que mais caracteristicamente nos diferencia de todos os outros seres vivos.

Essa necessidade de enfatizar o aspecto dialógico entre as mais diversas áreas do saber permite-nos resgatar o imaginário, colocando-o paralelamente ao racional-real possível de ser acessado, com o intuito de trabalhar numa linha teórico-conceitual que permita discutir problemas morais, aqueles relacionados com o que comumente chamamos de uma “vida bem sucedida” por meio de vivências simbólicas como as que a experiência estética procura desvendar. Contudo, e para evitar entrar numa discussão que se tornaria inviável dada sua amplitude, ofereço um recorte inicial que, espero, fique mais claro, e que procura abordar o diálogo Ética-Estética por meio das aproximações entre a Filosofia e a Literatura.

Tenho encontrado na interseção entre Filosofia e Literatura um caminho investigativo não apenas formalmente viável e defensável, mas um estudo que possibilita essa vivência humana conjunta compartilhada de um modo abrangente e significativo. Isto abre as possibilidades para o encontro-com-o-outro, que constitui todo o significado do viver e do vivenciar as experiências cotidianas em face da profunda desertificação em que nos sentimos inseridos, como já haviam apontado não apenas Schopenhauer, Kierkegaard ou Nietzsche, mas também seus “discípulos” mais próximos de nós, como Benjamin, Horkheimer e Adorno. Contudo, a fim de não cair numa mera repetição esvaziada de significação, posto ter-se tornado lugar comum em nossos discursos cotidianos a expressão “diálogo interdisciplinar”, proponho abordar o conceito “diálogo”, explorando não somente seu aspecto dialético em sentido amplo,

ou seja, sua característica de constituir um momento de falar e um de ouvir, mas o exercício do falar-ouvir marcado por aquilo que, de modo poético, Martin Buber denominou de “reciprocidade da ação interior”³, do verdadeiro encontro de espíritos afins. E defendo que tanto a literatura quanto a filosofia são capazes de propiciar esse encontro de modo muito proveitoso, enriquecedor e profundamente significativo, desde que tomadas a sério.

2. Entre a Filosofia e a Literatura

Escritores e filósofos, bem como seus estudiosos, têm insistido que suas tarefas estão seriamente comprometidas com a vida. Não constituem meros modos de fugir dela. Independentemente das formas de que se utilizem, textos literários e filosóficos são muito distintos daquilo que se poderia considerar como simples coletâneas de palavras e sons destituídos de sentido prático e pragmático. Como reforça Richard Elridge, “alguns modos de atenção e disciplina parecem controlar tanto a produção filosófica quanto a literária, mesmo quando a imaginação (além da sensação, da medida e do cálculo) permanece central”.⁴ Isto significa, em linhas gerais, que tanto o discurso filosófico quanto o literário possuem uma coerência interna que se origina da realidade circundante, mesmo que suas formas, bem como o modo como controlam suas produções, possam permanecer pouco claros, e/ou até mesmo contestáveis. De qualquer modo, a leitura desse amplo material filosófico-literário constitui uma verdadeira concepção daquilo que realmente importa para nossas vidas. Ele nos permite compreender as verdades que sustentam nossas concepções éticas mais amplas e profundas. E é nesta medida que o diálogo filosofia-literatura abre as portas para um horizonte de compreensão acerca da nossa existência

³ Cf. BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 41.

⁴ The Oxford Handbook of Philosophy and Literature. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 4.

significativamente enriquecedor, uma vez que envolve uma expansão e uma reconstrução daquilo que a própria filosofia moral tem sido ao longo do tempo⁵.

Ao colocá-las como propostas complementares de leitura da realidade, retomo a lição que também já nos fora dada por Mikel Dufrenne: “Compete à literatura fazer-me ver e propor à minha vista um objeto mais claro e mais preciso que o objeto imerso no mundo; compete à filosofia fazer-me tomar consciência desses saberes pelos quais o meu olhar é inteligente e a presença do objeto literário significativa”⁶. Isto serviria para dissipar a névoa que parece encobrir uma grande parte das apreciações acerca desse diálogo que ainda persistem cotidianamente. Para estas visões, tanto a literatura (seus produtos ou a fortuna crítica que a ampara) quanto a filosofia constituem disciplinas que frequentemente aparecem como campos de investigação e reflexão marcados por uma espécie de “inutilidade”, uma vez que seus “produtos” não atendem, de modo imediatamente utilitário, aquelas necessidades basais a que me referi anteriormente. Contrastando com as “realidades materiais” típicas das ciências da natureza, a literatura e a filosofia, como formas de atenção, centram-se muito mais naquilo que poderíamos definir como os “compromissos e paixões” humanos, por si mesmos tão pessoais, individuais e privados que não mereceriam ser alçados ao *status* de um saber científico ou acadêmico relevante. Preconceito contra o qual também me proponho a fazer frente.

Reconheço que a separação dos lugares discursivos da literatura e da filosofia nem sempre é clara. Não raras vezes encontramos trabalhos acadêmicos que procuram revelar a presença de Espinosa em Goethe, as influências de Schopenhauer ou Bergson no monumental *Em busca do tempo perdido* de Proust, o diálogo entre Nietzsche e Thomas Mann e até mesmo o Heidegger presente em Clarice Lispector, apenas a título de ilustração. Seguramente ganhamos muito se fizermos uma leitura atenta que aponte para os modos como uma determinada elaboração estética, seja via

⁵ Cf. NUSSBAUM, M. C. *Love's knowledge. Essays on Philosophy and Literature*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 27 e seq. E também *Poetic Justice. The literary imagination and public life*. Boston: Beacon Press, 1995, especialmente o capítulo 1, “The literary imagination”.

⁶ Philosophie et littérature. *Revue d'Esthétique*. Paris, v. 1, p. 305, 1948.

um romance, uma novela, um conto ou um poema, para ficarmos nos gêneros literários mais comuns, retoma e amplia elementos históricos singulares, expandindo questões circunscritas num determinado espaço-tempo. Contudo, não se trata de apenas tergiversar a respeito de possíveis “conteúdos” filosóficos presentes em tal escritor, mas em como esses “conteúdos” se tornam literários. Como adverte Jeanne Marie Gagnebin, há um grande perigo nesse tipo de análises de conteúdo: “tornar os filósofos especialistas em invenção de ‘conteúdos’ teóricos, mais ou menos incompreensíveis, e os escritores em especialistas em ‘formas’ linguísticas, mais ou menos rebuscadas”⁷. E isto sem levarmos em conta a radicalidade de alguns discursos filosóficos que, inclusive, rejeitam qualquer distinção entre ambos os discursos, o filosófico e o literário, ponto com o qual não compactuamos.

Ao invés de assumir uma postura marcada pelos radicalismos, parto do pressuposto que tanto a filosofia quanto a literatura podem associar-se com o intuito de desenvolver formas de atenção com relação à vida e aos comprometimentos e paixões humanos que não sejam pautadas nem num idealismo desatento da realidade circundante imediatamente dada, nem num particularismo vazio, marcado por uma pseudotentativa de “fuga do real” em nome de um lugar imaginário alcançável por alguns poucos eleitos cuja capacidade de abstração e de envolvimento em narrativas dos mais variados matizes ofereceria um consolo para as mazelas cotidianas. O importante é que se mantenha no horizonte que, como formas de atenção voltadas ao real, filosofia e literatura tanto são capazes de negociar quanto de resistir uma à outra; associarem-se ou excluírem-se⁸. É nossa a tarefa de compreender esses limites para poder extrair aquilo que de melhor cada uma tem a nos oferecer, tanto acadêmica quanto pessoalmente.

Ambos os gêneros discursivos, filosofia e literatura, com seus mecanismos de atenção (argumento, caracterização, estilo) aparecem mais como modos de registrar e

⁷ Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. As formas literárias da Filosofia. In: SOUZA, Ricardo Timm de e DUARTE, Rodrigo (orgs.) *Filosofia e Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 12.

⁸ SZAFRANIEC, Asja. *Beckett, Derrida, and the event of Literature*. Stanford: Stanford University Press, 2007, p.57.

de entrar em acordo com as contínuas tensões que se estabelecem entre a necessidade/possibilidade humanas de encontrar uma orientação reflexiva racionalmente fundamentada para suas ações cotidianas, e a carência de completude que toda orientação parece conter. Ressalta Elridge que tais tensões podem ser percebidas na imbricação das esferas da vida: sócio-históricas (econômica, sociológica, política), ético-familiares, psicanalíticas, morais, estético-formais e cognitivo-científicas, sempre guardadas as idiossincrasias de cada período histórico. Contudo, mesmo que saibamos manter essas características sempre presentes, algo necessário a fim de não se incorrer em deslizes de interpretação marcados pelo anacronismo que uma mera transposição teórico-conceitual descuidada poderia acarretar, podemos defender que tais tensões permanecem, variavelmente evidentes, e são assumidas, trabalhadas e incorporadas de modos diversos, mas profundamente esclarecedores, tanto pela literatura quanto pela filosofia. Assim é que mais do que meramente assumir uma determinada proposta de sentido para a própria vida, tanto a filosofia quanto a literatura apontam para as inúmeras possibilidades de se construir esse sentido, por meio da recompensadora aventura do pensar⁹.

Tudo isto que aponto aqui oferece muitos elementos que necessitam de um aprofundamento. Contudo, meu intuito é o de ressaltar as possibilidades de um proveitoso dialogismo subjacente a esta proposta de leitura filosófico-literária da nossa vida cotidiana numa realidade muitas vezes difícil de ser suportada. Nossa subjetividade, e aqui ousar generalizar, é marcada por aquilo que poeticamente Lukács define como um “desabrigo transcendental”: estamos sempre à procura de orientação e esclarecimento. Ao engajarem-se mutuamente, filosofia e literatura emergem dessa situação que marca a subjetividade humana¹⁰. Esta hipótese abrangente pode servir

⁹ Elridge, *op. cit.* p. 6. Esta tese também já fora adiantada por R. G. Collingwood. Cf. *The principles of art*. Oxford: Clarendon Press, 1938, pp. 297-98.

¹⁰ *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003, p. 38. Também Hegel já apontara para essa riqueza dialógica entre a filosofia e a literatura em sua *Estética*: filosofia e literatura dirigem-se para as oposições entre a lei abstrata, a razão legislante, o dever e a ordem cívica, de um lado, e as inclinações, os impulsos sensíveis e as respostas somáticas a toda uma abundância de novos fenômenos,

como um guia para que possamos compreender os contatos entre a Literatura e a Filosofia, reforçando-se a conjunção *e*: mais do que oferecer uma investigação acerca da filosofia *da* literatura ou da filosofia *na* literatura, o objetivo é enfatizar o rico campo discursivo que marca cada uma dessas disciplinas, aproximando-as de modo a se complementarem a fim de oferecer uma compreensão mais profunda e abrangente das grandes questões acerca de nossas vidas que seguem provocando nossa reflexão¹¹.

Um olhar para a produção anglo-americana mais recente, aquela que veio a público nos últimos trinta anos, um pouco mais ou menos, auxiliar-me-ia a reforçar o escopo desta proposta. Os problemas pertinentes à Ética e à Estética constituem objeto de estudos rigorosos, profundos e sistemáticos desde meados do século XIX, mas de algum modo sempre acabaram por isolar um ou outro campo investigativo, normalmente em detrimento do estético, considerado uma espécie de “primo pobre” do filosófico. Contudo, esta tendência tem sido revertida e já nos é possível encontrar um grande número de trabalhos nos quais pensadores dedicados às discussões estéticas preocupam-se mais e mais com a valoração moral das obras e da crítica de arte. E mais: filósofos dedicados à ética passaram a prestar mais atenção aos aspectos da vida e da valoração moral por meio das obras de arte. Isto parece apontar para a esperança de que esse isolamento contumaz artificialmente constituído que se desenvolvera entre esses dois campos discursivos esteja chegando a termo, mesmo que uma proposta compatibilista como esta, e que já havia sido provocadoramente feita por Wittgenstein quando defendeu que ética e estética constituem uma só e mesma coisa, permaneça como um problema intransponível para uma parte dos investigadores que se mantêm isolados em seus campos semânticos.

de outro lado. Estas oposições são naturais em nossas vidas; e uma solução coerente para esses impasses, uma que poderia resolvê-los de modo definitivo, nunca está completamente ao nosso dispor.

¹¹ Naturalmente que o nosso horizonte teórico também não poderá deixar de lado a discussão levada a efeito pela Teoria Literária. Assim, as linhas gerais desta investigação terão como apoio obras teóricas de abrangência e já tomadas como clássicas, como a *Teoria da Literatura* (1942), de Wellek e Warren, a de Aguiar e Silva, dentre estudos mais específicos sobre aspectos constitutivos do romance e estratégias narrativas, como os estudos de Carlos Reis, Massaud Moisés, Alfredo Bosi e Antonio Cândido.

Um recorte temático mais preciso auxilia-me a levar em consideração alguns dos problemas com os quais os trabalhos mais recentes nesta interseção ético-estética têm se ocupado, e que se centram nas questões acerca dos aspectos éticos ressaltados nas mais variadas produções artísticas. Neste sentido, podemos apontar alguns problemas fundamentais: pode-se defender a objetividade em ética e estética? E se isto for possível, como e por que meios alcançá-la, se é que seja necessário? Podemos defender a existência de propriedades estéticas e morais, ou seja, encontrar características reais no/do mundo tanto nos modos como elaboramos nossos juízos morais acerca do nosso agir como nas suas possíveis traduções em obras de arte literárias? - para não ampliarmos demais o âmbito da nossa reflexão. Há verdades morais e estéticas? E se as há, como podemos encontrá-las e defendê-las? E se partimos de uma assunção de que se possam encontrar essas verdades, qual é o lugar da universalidade em ética e em estética?

Outras questões derivadas destas mais amplas, e que gravitam em torno dos modos como seres humanos, cujas capacidades cognitivas estejam normalmente desenvolvidas, isto é, que não sofram de nenhum impedimento cognitivo-mental que lhes impossibilite de acessar, mesmo de um modo imediatamente intuitivo, os problemas éticos apontados pela reflexão filosófico-literária, podem apreender/compreender/desenvolver valorações morais em suas atividades no mundo, também constituem problemas centrais para a minha investigação. Para tanto, trago à discussão alguns trabalhos que considero relevantes, autores com os quais meu diálogo procura estabelecer-se e que oferecem um aporte teórico do qual também me aproprio. Eles também oferecem algumas chaves de leitura complementares àquelas de que venho me utilizando a fim de constituir um fio condutor que me permita colocar num mesmo horizonte reflexivo autores aparentemente distintos, cujas propostas ético-estéticas, contudo, possuem, como pretendo aprofundar, importantes pontos de contato.

De Richard Miller procuro resgatar a proposta de se situar os julgamentos estéticos num contexto dual, ressaltando as aproximações e as divergências entre os

aportes morais e os científicos. A fim de não sucumbir a uma apreciação meramente subjetiva dessas valorações, sejam as éticas sejam as estéticas, também procuro ressaltar que se possa encontrar um certo grau de objetividade, tanto nos julgamentos morais quanto nos estéticos, o que os colocaria, de algum modo, num patamar semelhante ao dos julgamentos científicos. Isto me permite assumir uma postura que ressalta a validade objetiva desses julgamentos ético-estéticos, passível de ser racionalmente defendida, embora conte com uma carga subjetiva que não pode e nem deve ser desprezada. Para Miller, tanto as avaliações morais quanto as estéticas só podem ser compreendidas na medida em que somos capazes de evocar e/ou afirmar um determinado conjunto de características/propriedades do mundo que independem do estado mental do “juiz”¹². A proposta de Miller é devedora, em larga medida, de Aristóteles, Dewey e Kant, posto ressaltar a conexão entre os problemas ético-estéticos e o nosso interesse cognitivo em divisar as fronteiras entre o mundo natural e o humano. Neste sentido, o dialogismo filosofia-literatura tem muito a nos oferecer.

Outro autor importante é Peter Railton, que defende uma postura “objetivista” semelhante à de Miller, ao colocar num mesmo plano reflexivo os julgamentos valorativos estéticos e os morais. Partindo da teoria dos sentimentos morais de Hume, que o filósofo escocês também desenvolve em seu ensaio “Do padrão de gosto”, Railton aprofunda a questão ressaltando que, como bem aponta o argumento humeano, não se trata de defender meras preferências pessoais acerca de uma determinada obra de arte ou de um sentimento moral. O problema é mais amplo, e visa ao estabelecimento de um fundamento que garanta validade e verdade objetivas a ambos os tipos de valorações, tanto as morais quanto as estéticas, *vis-à-vis* nossas capacidades naturais, a própria natureza do mundo em que vivemos bem como a natureza da interação intersubjetiva que estabelecemos uns com os outros. Isto abre a possibilidade para o debate em questões morais e estéticas, uma vez que as preferências pessoais estariam relacionadas a uma espécie de substrato ético-estético

¹² Three versions of objectivity: aesthetic, moral and scientific. IN: LEVINSON, Jerry. *Aesthetics and ethics*. Essays at the intersection. Cambridge/New York: Cambridge university Press, 2001.

que se encontra em um nível mais universal, se podemos abusar do termo aqui. A tese de Railton centra-se em nossas *práticas* de atribuição de valores, morais e estéticos, em busca de uma objetividade analítica que visa a enfatizar uma relação que já fora anteriormente e extensivamente reforçada por Schopenhauer: não é possível estabelecer uma valoração, seja ela moral, seja ela estética, sem que se leve em conta aquilo que realmente importa; e para que esse “importar” se estabeleça, é necessário que não se separem as duas “metades” envolvidas nos processos valorativos, isto é, que não se perca a interdependência intrínseca entre o objeto a ser avaliado e o sujeito que o avalia, e para quem ele importa. A questão, *grosso modo*, leva-nos a constatações que colocam as “preferências pessoais” sob uma espécie de objetividade universal. Assim é que, apenas a título de ilustração, não se trata de defender que a música de Mozart seja “melhor” do que a de B. B. King, ou que as concepções morais das personagens de Ibsen sejam “melhores” do que as de Dostoiévski, mas sim que, dado podermos encontrar uma apreciação suficientemente comum de uma determinada concepção moral, ou de uma preferência estética, em grupos humanos ampliados, as nossas práticas de avaliação moral/estética não deixarão de possuir um grau de racionalidade suficiente que nos permita não só avaliá-las adequadamente, de um ponto de vista pessoal, mas também de alcançar um nível de generalidade que justifique a adesão de um número muito maior de pessoas.

Esta proposta de Railton e de Miller também encontra respaldo no trabalho de Ted Cohen. Deixando-se de lado as particularidades da posição de Cohen, um substrato comum é por ele também defendido, e que nos parece vir ao encontro das propostas dos autores mencionados anteriormente: mesmo que jamais sejamos capazes de oferecer argumentos suficientemente lógicos em favor de nossas preferências pessoais, visando a alçá-las a um nível de universalidade necessária, podemos nos basear em nossa crença num determinado conjunto de julgamentos como suficientemente fortes para que espelhem algum tipo de personalidade ético-estética e não meramente um conjunto mais ou menos confuso de preferências pessoais (gostar/não gostar). E Cohen propõe encontrar esta sustentação, seu *locus*,

na integridade do eu. Isto exige que possamos discernir entre aquilo que preferimos e aquilo de que não gostamos, ou seja, que sejamos capazes de oferecer razões suficientes para nossos assentimentos representacionais acerca dos valores morais e estéticos que atribuímos a objetos e ações humanas.

Neste ponto alcançamos aquela que talvez seja a minha proposta mais audaciosa, uma vez que minha hipótese para responder a estas dificuldades une a fundamentação estoica à ético-estética, uma vez que penso ser possível deslindar as profundas interconexões entre nossas avaliações morais e nossas preferências estéticas partindo de uma análise lógico-ético-psicológica que tem muito a oferecer aos estudiosos contemporâneos, não apenas no campo da Ética ou da Estética, mas também nas investigações da Filosofia da Mente e da Linguagem. E junto a eles uma espécie de contraparte contemporânea, os autores que fundaram/filiaram-se à proposta romântico-idealista alemã e que desenvolveram uma “filosofia trágica” de vida que visava a dar conta desses mesmos desafios éticos a que estamos todos sujeitos utilizando-se da arte como uma momentâneo refrigério, ou, como propõe Schopenhauer, uma suspensão momentânea, um quietivo, para nossas angústias cotidianas mais profundas e insolúveis¹³.

Poderia aduzir aqui também, para reforçar os pontos que pretendo desenvolver, os nomes de Noël Carroll, Arthur Danto, Gregory Currie, Stanley Cavell, A. A. Long, B. Inwood, Tad Brennan, dentre outros autores que vêm oferecendo leituras que possibilitam essa aproximação. Entrar nesse debate é um modo de se mostrar que as fronteiras entre propostas filosóficas “antigas” e “contemporâneas” talvez não sejam tão rigidamente demarcadas como desejam alguns intérpretes. De todo modo, retomo uma vez mais a proposta de Nussbaum: a leitura de um romance, de um conto, de uma novela ou de uma peça teatral pode nos levar a alterar alguns dos nossos julgamentos, sejam eles morais ou políticos, mas também oferece a oportunidade de, partindo-se desses mesmos julgamentos, levar-nos a rejeitar algumas experiências de leitura, ficcional ou da própria realidade, que se constituem

¹³ Cf. especialmente o Livro III, de *O mundo como vontade e representação*.

como “deformadoras ou perniciosas”, e que acabam por condicionar nossas ações morais em padrões cristalizados, meramente reprodutores de uma tradição que se impõe com força redobrada e contra a qual a maioria de nós parece não ter força, vontade ou estímulo para se opor¹⁴.

Reconheço que as pessoas não vão modificar seus julgamentos morais meramente porque leram determinado romance, assistiram um filme ou uma peça de teatro, tampouco porque se emocionaram ao ouvir um certo cantor/compositor. Isto seria ingenuidade tanto acadêmica quanto pessoal. O convívio com autores de contextos sócio-culturais já distantes de nós, tanto geográfica quanto temporalmente, não constitui, por si só, uma garantia de que essas modificações a que me refiro sejam possíveis, mesmo em se tratando de pensadores ou escritores consagradas pelo cânone universal. Podemos ler Victor Hugo, Dickens, Balzac ou José de Alencar e aprender muitas coisas acerca da compaixão, do respeito, da humildade ou da exploração intersubjetiva; mas esses autores não nos mostram os mecanismos de controle sociais subjacentes às nossas vidas aqui e agora, e que reforçam nossa incapacidade de empatia para com aqueles que ocupam um “lugar” demarcadamente distinto do nosso, seja por conta de sua orientação sexual, de sua etnia, gênero ou mesmo filiação religiosa. Como reforça Nussbaum, tampouco podemos depreender, a partir da leitura de qualquer autor que se eleja, os modos como a desigualdade social, política ou cultural invade nosso universo representacional formando/deformando nossas vidas emocionais.

E é nesses momentos que os aportes filosóficos têm muito a oferecer. Porque, e relembro novamente Dufrenne, quando se juntam as vivências reais e as imaginárias, umas acabam por ilustrar/espelhar/ampliar as outras, possibilitando uma maior compreensão da nossa inserção no mundo. Como enfatiza Nussbaum

A Literatura centra-se no possível, e convida seus leitores a questionar-se sobre si mesmos. Aristóteles está correto. Diferentemente da maioria dos trabalhos históricos, as obras literárias convidam seus leitores, de um modo

¹⁴ Cf. *Poetic justice*, p. 10.

muito especial, a colocarem-se no lugar de pessoas dos mais variados tipos a fim de vivenciar suas experiências¹⁵.

Assim é que em face de dilemas morais muitas vezes difíceis de serem contornados, a leitura de um romance pode colocar o leitor numa espécie de “empatia imaginária”, o que o tornaria, pelo menos teoricamente, mais apto a compreender os modos como cada cultura propõe questões éticas e procura resolvê-las a partir de um determinado universo de valores morais mais ou menos estáveis, mas que, se analisados sob outras perspectivas, revelam-se apenas como alternativas contextualmente demarcadas e que muitas vezes impossibilitam o florescimento de formas sócio-político-culturais diferenciadas, e que poderiam efetivamente contribuir para uma “vida melhor” nos mais variados sentidos do termo. No romance, os autores procuram ilustrar essas interações entre “aspirações humanas gerais e formas particularizadas de vida social”¹⁶, algo que tanto pode favorecer quanto impedir essas mesmas aspirações, mas que sempre acaba por modelá-las ao longo do processo.

Ao oferecermos a leitura de um romance, conto, novela, como modos alternativos possíveis de se enfrentar determinadas situações, nosso intuito é o de ressaltar que, a par das discussões teórico-conceituais absolutamente necessárias de serem levadas a cabo, e que oferecem os fundamentos filosóficos para a análise de determinados problemas éticos/morais, temos a construção de paradigmas, modelos de reflexão ética que, embora estejam dados num determinado contexto ficcional não se tornam, por esta razão, relativistas. Pelo contrário, oferecem preceitos que podem ser universalizados, uma vez que apontam para as infinitas possibilidades de florescimento humano partindo de uma situação concreta por meio de um exercício da nossa imaginação. Sabemos que isto, por si só, não é suficiente para garantir seres humanos absolutamente morais. Esta lição já nos fora dada por Kant¹⁷, que, contudo, a herdara de toda uma tradição que remonta, e não forço a origem, aos estoicos. Sêneca

¹⁵ Ibidem, p. 5.

¹⁶ NUSBBAUM, op. cit. P. 7

¹⁷ Cf. o Prefácio da Fundamentação da metafísica dos costumes.

mesmo ressalta inúmeras vezes o papel dos exemplos ilustrativos na construção de nossas personalidades morais. O que se ressalta é que não se trata de oferecer modelos estanques de comportamentos a serem imitados, mas o de mostrar que, em situações semelhantes às que vivenciamos pessoalmente, outros seres humanos foram capazes de encontrar saídas diferentes, com as quais podemos nos identificar, o que nos auxiliaria, em alguma medida, e nos inspiraria a buscar um outro caminho por nossa própria conta.

3. Imaginário, memória e história: Filosofia e Literatura

O que vimos apontando acerca das grandes questões que marcam a existência humana, permite-nos abordar autores importantes da literatura universal cujas obras não só possibilitam como mesmo incentivam a interdisciplinaridade aqui proposta. Contudo, dado o amplo espectro que o termo abrange, meu recorte é o período histórico demarcado pela produção romântico-idealista alemã e suas interfaces mais imediatas. Naturalmente que isto não impossibilitaria uma proposta de aprofundamento conceitual que leve em conta os problemas ético-estéticos propostos por Schopenhauer, Schelling, Schiller, os irmãos Schlegel, bem como as “sugestões dialógicas” apontadas por eles mesmos, autores com os quais suas discussões também se estabeleceram, tais como Shakespeare, os tragediógrafos gregos e romanos, dentre os quais Sófocles e Sêneca mereceram destaque especial, bem como os escritores que da inspiração idealista-romântica também se utilizaram a fim de expandir suas propostas de compreensão da vida “real” sob uma ótica eminentemente “trágica”, como Ibsen, Thomas Mann, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Eugene O’Neill, para citar alguns a título de ilustração.

E aqui gostaria de oferecer uma breve observação, que se faz necessária. Quando utilizo o termo “trágico” não tenho em mente uma semiose superficial, mais ou menos como se pode observar em uma apreciação senso comum acerca daquilo que escapa à explicação racional mais rasteira. Pelo contrário, filio-me a toda a

tradição iniciada pelos autores que desenvolveram essa “visão trágica do mundo”, e que abrangem as propostas filosóficas que partem de Schiller e alcançam Nietzsche, passando por Schopenhauer e Kierkegaard, sem deixar de flertar com autores que não costumam aparecer no *mainstream* da discussão filosófica, como o espanhol Miguel de Unamuno ou o francês Gabriel Marcel. Assim é que o problema da subjetividade, da identidade pessoal, da autoconsciência, uma questão central para a filosofia moderna e contemporânea, também oferecem uma ampla gama de questões que podem ser abordadas dialogicamente, e que se tornaram centrais a partir da produção filosófico-literária no romantismo e no idealismo alemães. O meu objetivo é o de apontar para a importância do papel da interioridade na constituição do *self*, *independentemente* de sua filiação explícita ao movimento literário-filosófico romântico. Muito mais do que encapsular autores e pensadores numa ou noutra classificação, busco aquilo que, em seus escritos, pode servir como orientação/provocação/reflexão para a constituição de uma identidade pessoal autopoietica.

Neste ponto, volto a reforçar aquela que segue sendo a hipótese central das minhas investigações: o papel das representações na nossa leitura, interpretação e compreensão da realidade e sua relação com a maneira como os antigos abordavam a filosofia e o filosofar, especialmente quando nos voltamos para o campo de estudo dos problemas morais. Para o mundo antigo, a opção por um determinado modo de vida não advém como um mero resultado da atividade filosófica, senão que está posta antes mesmo do próprio processo envolvido no filosofar. Como bem ressalta Pierre Hadot, trata-se antes de tudo de “uma complexa interação entre a reação crítica a outras atividades existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária”¹⁸ de aderir ou não a determinada proposta filosófica. Trata-se de pensar *com* os antigos, em lugar de apenas pensá-los, construir um discurso filosófico que se fundamente numa escolha de vida, numa opção existencial, a fim de tornar a reflexão não apenas rigorosa, radical e profunda, mas sobretudo justificadora dessas escolhas, capaz de promover uma “conversão” pessoal

¹⁸ [¶] *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999, p. 17.

que nos permita encontrar um modo de ser e viver mais adequado, ou, em outras palavras, assumir uma atitude que chamo nesta nossa conversa de “construção poético-filosófica do caráter”.

Talvez pudéssemos começar por reconhecer, a fim de melhor nos encaminharmos nesta proposta ressignificadora de nós mesmos, que grande parte de nossos “males” - senão mesmo todos eles - advém de uma má utilização da nossa faculdade racional. Esquecemo-nos que o mundo é constituído de representações que criamos cotidianamente, julgamentos e assentimentos que emitimos com relação às coisas, aos outros homens, e a nós mesmos, e que acabam por se tornar as únicas régua de que dispomos para medir a realidade. E como toda régua já está predeterminada em suas proporções, qualquer flexibilização no padrão requereria não um estiramento da régua, mas uma nova forma de medida. Deste modo, as modificações possíveis engessam-se em modelos estanques de comportamento, meros modos reativos de responder às demandas cotidianas. Ao nos esquecermos disto, corremos o risco de apreender o fenômeno ético e sua efetividade na práxis humana de um modo muito limitado.

E aqui temos um dos pontos em que encontramos a ligação entre a filosofia e a literatura. E parto da proposta de Sêneca porque ele se utilizou tanto do discurso filosófico quanto do literário a fim de melhor explicitar os pontos que tencionava esclarecer e reforçar, tanto para seus interlocutores diretamente, quanto para si mesmo, e por extensão a todos os seus possíveis leitores posteriores. Suas lições veiculam-se em todas as tragédias que redigiu. E mesmo que mantenhamos uma pequena reserva quanto ao gênero “tragédia”, posto tratar-se de uma manifestação artístico-cultural cujos efeitos parecem ter-se cristalizado no período histórico em que foi criada, e que para nós, homens da contemporaneidade, perderam muito do seu sentido cívico, o que importa enfatizar é que Sêneca aproveitou-se dos efeitos estéticos que elas propiciavam ao espírito humano a fim de melhor destacar o caráter ético-moral do que pretendia ensinar. Talvez tenha sido ele o primeiro filósofo a se utilizar intencionalmente da literatura a fim de abordar problemas morais de um modo

mais imediatamente acessível a seus leitores, independentemente de sua idade, posição social ou educação formal. O trágico alcança todas as camadas posto apontar para o inelutável debate que todos os homens travam cotidianamente com a vida.

Mesmo que insistíssemos nessa distância temporal e na impossibilidade de apreendermos o trágico como um grego ou um romano antigos o fariam, os impactos das vidas de homens e mulheres apanhados nas redes do destino, numa intrincada teia causal que lhes escapa de modo absoluto, mas na qual e com a qual têm de viver, é-nos imediatamente patente também. Trata-se mais de uma questão de sensibilidade, de capacidade de colocar-se empaticamente no lugar daquelas personagens a fim de melhor divisar seus desafios e suas escolhas. E isto é o que acaba por acontecer quando nos voltamos para os textos literários mais próximos de nós, com personagens, histórias, contextos e desdobramentos que nos parecem mais familiares. Se podemos acessar, mesmo que superficialmente, as grandes questões trazidas à cena pela tragédia, vivenciar imaginativamente os enredos dos romances, novelas e contos contemporâneos torna-se uma tarefa muito menos exigente, até mais fácil, poderíamos afirmar. Não se trata, contudo, e isto já reforcei anteriormente, de substituir as reflexões éticas/políticas por um mero exercício de imaginação, tampouco de substituir as emoções por argumentos logicamente válidos. Como reforça Nussbaum, com quem sigo concordando, quando os leitores deixam-se envolver pela narrativa que estão acompanhando, suas tomadas de posição com relação às atitudes e ações das personagens, mesmo que baseadas numa aparente e superficial adesão emocional, traduz, de um modo subjacente, suas capacidades de valoração moral; estão baseadas, em alguma medida, em alguma teoria acerca do bem.

E para corroborar nossa hipótese podemos aduzir o testemunho de Sêneca na introdução ao *De tranquillitate animi*: o caráter angustiante, “nauseante”, da vida humana que não se põe como problema para si mesma advém da falta de compreensão da realidade em que se está inserido, do mundo como o vemos, tocamos e sentimos. Se o olhar pudesse ser redirecionado a ela sob novas lentes, perceber-se-ia o quanto de acréscimo, de sobrecarga representacional os homens colocamos sobre o

mundo. Isto nos traz como resultado uma inquietação constante, um distúrbio anímico que nos impede de viver o possível, e nos compele a procurar, num futuro distante, os meios que justifiquem, ou pelo menos expliquem as razões para nossos sofrimentos. Usando uma metáfora tomada de empréstimo a Marco Aurélio, permitimos que nossa “cidadela interior” seja invadida por quimeras ameaçadoras que, em si mesmas, não possuem nenhuma existência real.

4. Uma conclusão provisória

Embora momentos diferentes tenham resultado em ênfases específicas sobre aspectos dos problemas morais e estéticos para os quais me volto, é possível divisar que as grandes questões levantadas por autores já distantes no tempo e no espaço seguem provocadoras, esperando por novas respostas, talvez mais apropriadas ao momento histórico que vivemos, mas sem deixar de notar que, ao mesmo tempo, seguimos fazendo parte de uma “comunidade de pensamento” historicamente constituída, da qual somos apenas a continuidade e nunca o ponto final. Neste sentido, o meu diálogo interdisciplinar, especialmente com a literatura, tem oferecido uma nova luz à minha reflexão, e que creio ser outro ponto de apoio a reforçar minha proposta. Cada vez mais me convenço de que o intercâmbio entre a filosofia e outras formas de saber pode trazer resultados muito benéficos a ambas as partes, desde que respeitadas as idiosincrasias metodológico-investigativas de cada área.

Assim, para que esta tarefa seja possível, e neste artigo apenas procuro apontar para as amplas possibilidades investigativas que minha proposta abre, a análise de textos que discutem os problemas de fronteira entre a filosofia e a literatura, com um foco especial sobre as questões ético-estéticas, parte de uma ênfase na análise crítico-reflexiva dos mesmos e que se baseia numa abordagem hermenêutica inspirada pela proposta gadameriana. Como bem ressaltava Gadamer, a legitimidade do saber hermenêutico encontra-se distante da mediação de um método acabado visado para um saber absoluto como é descrita a pretensão filosófica da

modernidade. Em contrapartida a este raciocínio, a dialética existente entre texto e intérprete determina o devir do conhecimento humano dentro da história numa trajetória de desconstrução e reconstrução dos preconceitos, marcado pela infinitude de possibilidades de interpretações¹⁹.

A arte de interpretar, longe de se desvincular dos parâmetros da alteridade dos efeitos do texto, é um ininterrupto exercício humano de compreender e entender as coisas e o mundo. A hermenêutica, por assim dizer, não é só um resgate do passado pelo presente visando a um futuro, mas uma atualização dos modos como captamos a verdade que nos é apresentada. Assim é que sempre poderemos reiterar, como bem fez a proposta gadameriana, que o conhecimento é efêmero, mas a interpretação é “eterna”. E se mantivermos isto como um pressuposto de nossa investigação, o diálogo filosofia-literatura poderá ampliar-se ainda mais em nosso país, que já conta com pesquisadores importantes mas que ainda tem um vasto campo de trabalho a ser desenvolvido.

Referências

- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- DUFRENNE, Mikel. Philosophie et littérature. *Revue d'Esthétique*. Paris, v. 1, p. 305, 1948.
- ELRIDGE, Richard. *The Oxford Handbook of Philosophy and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- GADAMER, Hans-Georg. Filosofia e Literatura. In: *A hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 101.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. As formas literárias da Filosofia. In: SOUZA, Ricardo Timm de e DUARTE, Rodrigo (orgs.) *Filosofia e Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? São Paulo: Loyola, 1999, p. 17.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidade/Editora 34, 2003.

¹⁹ Naturalmente que não desenvolvo a tese gadameriana aqui. Apenas aponto para as grandes conclusões que podem ser encontradas em *Verdade e método*.

MILLER, Richard. Three versions of objectivity: aesthetic, moral and scientific. IN: LEVINSON, Jerry. *Aesthetics and ethics*. Essays at the intersection. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2001.

NUSS _____ *Poetic Justice*. The literary imagination and public life. Boston: Beacon Press, 1995.

NUSSBAUM, M. C. *Love's knowledge*. Essays on Philosophy and Literature. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

SZAFRANIEC, Asja. *Beckett, Derrida, and the event of Literature*. Stanford: Stanford University Press, 2007.

Doutor em Filosofia (USP)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da UFPI.
E-mail: luizir@hotmail.com